

RESENHA

[LAOZI. *Dao De Jing: Escritura do Caminho e Escritura da Virtude com os comentários do Senhor às Margens do Rio*. Tradução, notas, variantes e seleção de textos por Giorgio Sinedino. São Paulo: Editora Unesp, 2016 (579p.)]

“Discorrendo sobre o Caminho: Uma resenha crítica à nova tradução chinês-português do 道德经 *Dào Dé Jīng*”

Matheus Oliva da Costa¹

INTRODUÇÃO

Em 2016 a editora da UNESP presenteou o público brasileiro com uma surpresa muito agradável, a mais nova tradução do 道德经 *Dào Dé Jīng* de 老子 *Lǎozǐ* feita diretamente do chinês para o português brasileiro. Depois de uma magnífica tradução de outro clássico chinês, o 论语 *Lúnyǔ* *Analectos* de Confúcio, Giorgio Sinedino nos contempla com sua erudição e profundidade no conhecimento da cultura chinesa. E, caso alguém tenha dúvida sobre o porquê da escolha deste livro, o próprio tradutor responde: “[no] longo percurso intelectual da cultura chinesa em seus mais diversos momentos [...] poucos foram os melhores cérebros que não produziram uma obra sobre o *Dao De Jing*” (p. XLVI), mostrando a enorme importância deste clássico (经 *Jīng*).

Apesar da alta qualidade que lhe confere novidade, não é a primeira vez que traduzem essa obra diretamente para o português do Brasil: há a tradução pioneira do sacerdote daoista Wu Jyh Cherng (武志成 *Wǔ Zhìchéng*; 1996), seguida por outra do professor de filosofia Mario Sproviero (2000), do biólogo Rodrigo Dias (2014), e da Rosana Lai (2014). Então qual foi o objetivo dessa nova tradução? Foi “oferecer uma ‘introdução prática’ ao *Livro de Laozi* que seja a um tempo confiável e coerente intelectualmente” (p. XLVI), talvez fazendo menção a traduções enviesadas e a comentários descontextualizados do texto original de Laozi que as acompanham.

¹ Graduado (UNIMONTES), mestre e doutorando (PUC-SP) em Ciência da Religião. matheusskt@hotmail.com

O diferencial desta versão do livro é que Sinedino buscou “contextualizar a obra na história das ideias da China” (p. XXIII), utilizando de comentários tradicionais. Reforçou, assim, um exercício ainda nascente no Brasil de levar em consideração toda uma tradição chinesa de pensamento. Trata-se, então, de uma grande ajuda no caminho para superar nossa colonização do conhecimento de viés eurocêntrico, dando autoridade para interpretações de outras matrizes. E, pensando em fazer isso com a confiabilidade pretendida, a tradução escolheu o modelo de transliteração do chinês 汉语拼音 hànyǔ pīnyīn, acompanhada do uso de ideogramas (汉字 hànzi).

ESTRUTURA E DISCUSSÕES

Sobre a estrutura de organização, o livro começa com uma Introdução crítica à obra de Lǎozǐ. O conteúdo está exposto de forma bilíngue, com tradução direta do chinês. Junto a tradução bilíngue segue um comentário antigo do Senhor às Margens do Rio (河上公 Héshàngōng) a partir do método de explicação frase a frase, muito comum para este tipo de obra considerada clássica. As notas explicativas de termos e palavras são riquíssimas e podem ser consideradas um livro dentro deste livro, apresentando aspectos históricos e/ou etimológicos de conotação filosófica dentro do pensamento chinês. Além do próprio *Dào Dé Jīng*, *Escritura do Caminho e da Virtude*, traduziu partes de três textos que auxiliam na sua compreensão: o *史记 Shǐjì* *Registros do Cronista*, o *抱朴子 Bào pǔ zi* [*livro do*] *Mestre que Abraça a Simplicidade* (escrito por *葛洪 Gé Hóng*), e um prefácio antigo de *葛玄 Gé Xuán* ao *Dào Dé Jīng*. Encontramos ainda um índice de termos e uma “breve concordância temática”, ajudando a sistematizar a enorme quantidade de informações presente no livro.

Há também a organização de uma “bibliografia seleta”. Além de criteriosamente bem escolhida, esta apresenta tanto leitura de textos em chinês e japonês – em grande parte desconhecidos do público brasileiro –, como em várias línguas neolatinas (alemão, francês, inglês e português brasileiro). Isso é elogiável em dois sentidos. Primeiro, ampliou consideravelmente o uso de fontes chinesas em uma obra de tradução e interpretação da tão recente sinologia brasileira. Segundo, porque utilizou de especialistas em Daoismo, de várias matrizes, de asiáticos (chineses continentais, taiwaneses e japoneses), europeus (francesas/es, alemãs/es e ingleses/as) e até americanos/as (estadunidenses e brasileiros).

Sobre as discussões, um dos pontos que mais contribuem para um entendimento mais aprofundado são os argumentos de Sinedino para o debate sobre as várias formas de Daoismo/Taoísmo. Segundo ele, “num esforço de simplificação, os intelectuais chineses distinguem duas espécies de taoismo. Primeiro há o taoismo dos mestres 道家, associado às obras taoistas em sentido estrito”, que se distingue do “taoismo religioso 道教, cernido em escrituras e revelações cujo aparecimento está ligado aos grandes movimentos milenaristas do final da dinastia Han (202 a.C. – 220 d.C.)” (p. XXIV).

A novidade está em dois pontos. (1) ao invés de classificar este pensamento como “filosófico”, preferiu usar uma categoria mais chinesa – “dos mestres” – aludindo a valorização da linhagem e da escola de pensamento. (2) Ainda que use dessa divisão, ele mesmo chama de simplificação e mostra a problemática dessa posição:

Malgrado solidamente estabelecida na tradição intelectual chinesa, a distinção entre taoismo dos ‘mestres’ e ‘religioso’ é arbitrária em parte, refletindo um juízo de valor arraigado na história das ideias chinesas. Enquanto qualquer religião é historicamente vista com desconfiança, o taoismo ‘dos mestres’ conseguiu legitimar-se (idem).

E o motivo principal dessa desconfiança é político, já que, sendo que o ensino ou doutrinação (jiào 教) foi sempre um objeto de disputa do Estado, que clama um monopólio no tema. Dessa forma, “relacioná-la com um movimento externo à elite política indica uma ideologia potencialmente subversiva” (idem). Ao mesmo tempo, lembra que todas as escolas (家 jiā) absorveram ideias umas das outras, sendo que também houve intercâmbios e usos mútuos entre religiões e doutrina oficial do estado.

Diante do que foi dito cabe algumas pequenas críticas de elementos a serem repensados. Ele reconhece a existência e importância do Canon daoista (道藏 Dào zàng) na história das ideias chinesas, citando-o várias vezes nas notas, mas, sem especificar a parte que estaria citando desta enorme obra religiosa, como o leitor poderá encontrar a passagem em questão? Outro ponto é o motivo do uso do termo *taoismo*, com “t”, já que traduz 道 Dào com “d”? Melhor seria seguir a lógica de todo o livro, e utilizar os termos Daoismo e daoista. Por fim, para que falar de “seita” taoista? Como cientista das religiões, percebo um problema implícito: há uma dificuldade de ver as tradições daoistas institucionalizadas como religiões propriamente

ditas, tendendo a vê-las como meras “seitas”, num sentido sutilmente pejorativo, pois certamente não é elogio.

RECOMENDAÇÕES

Esta é realmente uma fonte mais segura e confiável para pesquisa sobre o Lǎozǐ, especificamente, e sobre cultura chinesa antiga, em geral, disponível no Brasil. Ainda que existam muitas outras boas fontes. Todo interessado em entender melhor a cultura chinesa, deveria ler essa tradução comentada para conhecer uma das suas raízes.

Segundamente, a forma como foi organizada e todo o conjunto de comentários inéditos ou traduzidos, ajudam muito a esclarecer debates históricos e filosóficos. Como, por exemplo, categorias divergentes ou convergentes de Lǎozǐ em relação à teorias budistas, ou sobre a forma como o Daoísmo deve ser entendido (sendo ou tendo filosofia, religião, medicina, ecologia, política, mística, nenhum desses, ou tudo ao mesmo tempo?). Acadêmicos/as, com certeza, vão se discorrer neste caminho aberto.

Em especial, o livro será útil para estudantes de língua chinesa (中文 Zhōngwén), pois a leitura, por si só, se mostra de modo exemplar como uma aula. É recomendável um estudo de cada capítulo através da cópia de cada palavra, bem como através da percepção da estrutura de sentenças utilizando de termos contrários – algo muito comum na língua chinesa em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONFÚCIO. *Os Analectos*. Tradução, comentários e notas de Giorgio Sinedino. São Paulo: Unesp, 2012

DAO DE JING. Tradução de Lai Hsin Yung [Rosana L.], revisão de Maria K. Watanabe, edição de Po Chia Kuo. São Paulo: s. n., 2014.

LAO TSE. *Tao Te Ching: o livro do caminho e da virtude*. Tradução Wu Jyh Cherng. São Paulo: Ursa Maior, 1996 [publicado depois pela Mauad, 1998].

LAO-TSÉ. *Escritos do Curso e da sua Virtude – Tao Te Ching*. Tradução Mário Bruno Sproviero. São Paulo: Mandruvá, 2000 [publicado depois pela Hedra, 2002].

LAO ZI. *Dao De Jing – Clássico sobre a Natureza e a Espontaneidade*. Tradução Rodrigo de Loyola Dias. Manaus: edição do autor [ebook], 2014.